

## **A NECESSIDADE DE NOVAS SUBJETIVAÇÕES: UMA EXPERIÊNCIA PIBIDIANA SOBRE A DISCRIMINAÇÃO RACIAL NA ADOLESCÊNCIA**

MIRA, Bruno<sup>1</sup>

Wellington Lima Amorim<sup>2</sup>

**RESUMO:** O objetivo do presente artigo é discutir de forma sucinta a necessidade de novas subjetivações para o enfrentamento das questões raciais na adolescência. O artigo foi desenvolvido a partir de discussões com adolescentes de 16 e 17 anos através do programa institucional de bolsa a iniciação a docência (PIBID), do curso de ciências sociais do IFTM (instituto federal do triangulo mineiro) campus Uberaba-MG, realizado na escola municipal Minas Gerais - Uberaba-MG. Usando como referencial teórico as obras de Michel Foucault, Gilles Deleuze, Felix Guattari e Roberto da Matta, foi possível analisar brevemente os diferentes modelos de subjetivação que os indivíduos hoje de adequam. Também serão brevemente abordadas algumas teorias eugenistas que se propagaram no imaginário brasileiro a partir do sec. XIX, e que tentaram a todo custo objetivar diferentes modelos de subjetivações dos indivíduos.

**Palavra-chave:** subjetivação; PIBID; modelização; totalizante; discussão; adolescente.

**ABSTRACT:** The present paper aims at discussing briefly the need of new subjectivities to the confrontation of racial issues in adolescence. The paper was developed after discussions with adolescents of 16 and 17 years old of age through the Institutional Program of Scholarship of Initiation to Teaching (PIBID in Portuguese) of the Social Sciences course at IFTM (that is, The Federal Institute of the Mineiro Triangle - Brazil) campus of Uberaba-MG, held at the Minas Gerais Municipal School in Uberaba-MG. Using as theoretical reference the works of Michel Foucault, Gilles Deleuze, Felix Guattari and Roberto da Matta, it was possible to analyze briefly the different models of subjectivity that individuals have to adequate today. Some eugenicists theories will also be approached, which have spread in the Brazilian imaginary from the 19th century on, and which have tried at all costs target different models of subjectivities into the individuals.

**Keywords:** subjectivity; pibid; modelling; totalizing; discussion; adolescent

---

<sup>1</sup>Graduado em História pela FFCL (Faculdade de filosofia ciências e letras de Ituverava-SP) e Ciências Sociais IFTM (Instituto Federal do triangulo mineiro) campus Uberaba/MG. E-mail: brunomira3@hotmail.com.

<sup>2</sup>Dr. em Ciências Humanas. Universidade Federal do Maranhão. E-mail: wellington.amorim@gmail.com

## INTRODUÇÃO

O mundo contemporâneo é marcado por liberdades, conquistas, individualidades e igualdades. Mas, o problema começa a se afirmar quando é analisado de perto cada uma dessas conquistas e alegrias que o ser humano continua vivenciando. No Brasil, o negro continua demarcado como indivíduo à margem da sociedade, mesmo com a quantidade de comerciais, entrevistas, depoimentos, (que como Antônio Gramsci afirmava: são partes constituintes do processo de hegemonia) o negro continua relegado ao mínimo possível em relação ao branco. Muitos jovens negros de hoje em dia perderam o perspectivismo histórico que seus antepassados ou mesmo seus pais tiveram em determinada época. A falta de noção de suas próprias conquistas servem para acalantar o cancro histórico que foi se formando a partir de sua chegada no Brasil. Jovens de hoje em dia “modelizados<sup>3</sup>”, conseguem se satisfazer com suas conquistas sociais, porém essa alegria é rompida quando esses mesmos jovens extraviam do seu ambiente social escolar e começam a inserir nos diferentes contextos sociais trabalhistas, ou mesmo de entretenimento, e com isso passam sentir o peso das diferenças.

Através de encontros realizados com jovens de 16 e 17 anos na escola municipal Minas Gerais em Uberaba-MG, o programa institucional de bolsa à iniciação a docência (PIBID) do curso de ciências sociais do IFTM (instituto federal do triângulo mineiro) campus Uberaba-MG, discutiu as diferentes situações que permeiam o jovem negro de baixa renda nos dias de hoje. O presente trabalho tem como proposta discutir, de modo sucinto, as diferentes ideias eugenistas que preponderaram no Brasil no sec. XIX, e que ainda influenciam o imaginário social brasileiro. Também serão comentados os modelos totalizadores para unificar os seres humanos a partir da proposta humanista, e suas falhas em conseguir seus objetivos. Por último, será exposto à

---

<sup>3</sup> O conceito de modelização desenvolvido por Felix Guattari é usado como referência que os indivíduos usam no dia a dia para normalizar suas subjetivações. Tudo que o indivíduo produz em sua subjetividade, está muitas vezes, inseridos num certo modelo de aceitação para o social.

necessidade de novos tipos de subjetivações <sup>4</sup>a partir das obras escritas pelo filósofo Gilles Deleuze e o psicanalista Felix Guattari, sobre a necessidade da construção de novos modelos subjetivos, que escapem dos modelos ofertados pelas sociedades contemporâneas que demarcam e inserem os indivíduos em dispositivos e espaços que modelam sua formação subjetiva.

## **UMA EXPERIÊNCIA PIBIDIANA**

Questionar o papel do negro na sociedade brasileira sempre esteve em voga; escravidão, tráfico negro, amas de leite, mulatas, período escravista, cotas raciais etc. O difícil é demarcar a discussão principalmente na contemporaneidade, onde os estilos e modelização do que é ser negro se difundem em diferentes fragmentações. No PIBID ( programa institucional de bolsa a iniciação a docência) do curso de ciências sociais do IFTM (Instituto Federal do Triangulo Mineiro) campus Uberaba-MG realizado na Escola Estadual Minas Gerais, as experiências com adolescentes demarcam e comprovam as dificuldades em situar a questão do negro no Brasil. Algumas discussões sobre a questão do negro foram realizadas em alguns encontros com adolescentes de 16 a 17 anos. Os resultados são surpreendentes, principalmente nas questões subjetivas no dia a dia desses jovens. Muitos desses jovens descrevem algum tipo de preconceito que sofreram ou ainda sofrem na sociedade, sentindo na pele, ou nas preferências culturais o que é ser diferente.

São adolescentes de diferentes estratos, pensamentos e linhas de demarcação, todos os sujeitos, procurando sua modelização de negro. Para aqueles que não são negros do grupo, pode-se ver o estranhamento quando começa as discussões, estranhamento que não é repellido por professores ou

---

<sup>4</sup> Subjetivação e subjetividade são usadas como equivalente no presente artigo. “ tudo o que nos chega pela linguagem, pela família e pelos equipamentos que nos rodeiam – não é apenas uma questão de ideia ou de significações (...). Trata-se de sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo” (GUATTARI; ROLNIK, 2011, p. 35)

pelos pibidianos, pelo contrario, é necessário fomentá-los. Aceitação de apelidos, relacionar o negro às periferias ou mesmos às culturas do rap e hip-hop, funk são coisas que esses adolescentes não sentem estranhamento em assumir. O problema é colocado quando esses mesmos adolescentes assumem esse modelo de conduta e são repudiados nos diferentes meios sociais. Alguns adolescentes assumem que suas máscaras no cotidiano, são alteradas para aceitação nos dias atuais. Uma coisa é assumir seus gostos e maneiras de ser em seu meio social familiar, outra, é assumir através do poder coercitivo que instituições e pessoas demarcam exercidos nas relações de poderes.

Assim, quando o individuo se apresenta diante dos outros seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade e até realmente mais do que o comportamento do individuo como um todo. (...) Além disso, tanto quanto a tendência expressiva das representações venha a ser aceita como realidade, aquela que é no momento aceita como tal terá alguma das características de uma celebração (GOFFMAN, 2002, p. 41)

Goffman retrata exatamente essa situação, quando a coerção acontece através de pessoas com status, ou instituições. Quando essas situações acontecem, os indivíduos, no caso o negro, renegam simbolicamente sua subjetivação, para se comprometer segundo as regras daquilo que desconhece ou aflige. Segundo os alunos, são situações corriqueiras, outros alternam, dizendo que são aquilo que são independentemente do lugar ou situação. Mas apesar das divergências, ambos retratam a influência do olhar, das caras e bocas, dos cochichos etc. Estranhamento que muitas vezes fica apenas nas gesticulações, pois a problemática em efetuar seu pensamento transforma-se em preconceito com punição exercida em lei.

## **A FALÊNCIA DOS MODELOS TOTALIZADORES.**

Que a situação do negro no Brasil é histórica, isso já foi comentado e descrito por inúmeros intelectuais. O importante é saber como esse repúdio Europeu, chamado de eugenia<sup>5</sup> se estabeleceu e se propaga ainda hoje. Alguns teóricos desta linha de pensamento chamada de eugenia residiram ou mesmo visitaram o Brasil em diferentes momentos históricos, para comprovarem suas análises de gabinetes. Entre eles estão Conde de Gobineau, grande difusor dos ideais eugenista, e amigo íntimo de D. Pedro II. Gobineau estratificou o conjunto de raças segundo seus critérios qualitativos, dizendo que entre brancos e amarelos a superioridade do branco era afirmada, principalmente por seus aspectos físicos e mentais, enquanto o amarelo conservava muito de suas propensões animais. “Quem não se salva, porém, como infelizmente acontece até hoje na nossa sociedade, são os negros, sempre e em tudo situados abaixo dos brancos e amarelos” (DAMATTA, 1984, p. 31). Da Matta, diz ainda, que as afirmações de Gobineau, eram exaustivas principalmente nas afirmações (...) “que o Brasil levaria menos de 200 anos para acabar como povo” (DAMATTA, 1984, p.31).

A situação mudou com leis, educação, discursos e exercícios científicos, provando de maneira “incontestável” a unicidade de todas as etnias como raça humana. Também para fomentar alegrias e esconder o sangue derramado pela história, tivemos Gilberto Freire, afirmando seu mito de “democracia racial<sup>6</sup>”.

---

<sup>5</sup> Ideologia que se baseia na crença da existência e superioridade de uma “raça” humana que deveria se sobrepôr as demais. As teorias eugenistas foram incorporadas a inúmeras teorias, entre elas se destaca o Darwinismo social, que tinha como grande defensor o filósofo inglês, Herbert Spencer (1820-1903) Mas sua grande intensificação acontece com a política nacional socialista alemã durante a segunda guerra mundial.

<sup>6</sup> “Há, diante desse problema de importância cada vez maior para os povos modernos da mestiçagem, o das relações de europeus com pretos, pardos, amarelos – uma atitude distintamente, tipicamente, caracteristicamente portuguesa, ou melhor, luso brasileiro, luso-asiática, luso-africana, que nos torna uma unidade psicológica e de cultura fundada sobre um dos acontecimentos, talvez se possa dizer, sobre uma das soluções humanas de ordem biológica e ao mesmo tempo social, mais significativas do nosso tempo: a democracia social através da mistura de raças” (Freyre, 1938, p.14) Freyre transforma essa conceituação na peça amalgama que existe no Brasil, fundado na herança portuguesa, se esquecendo, das lutas, mortes, estupros,

Claro que precisávamos de uma versão intelectualizada e conhecida como foi o pensamento Freiriano, para acalantar as diversas digressões que o negro sofreu nas terras de sangue, ouro e pólvora, chamada Brasil. Também não podemos esquecer-nos da difusão de ideias abrangentes, como o humanismo, que ainda é viabilizada e requintada pelos moldes educacionais. Humanizar significou por muito tempo, racionalizar o animalesco no homem, purificar a alma, para os eclesiásticos, tirar o seres humanos das trevas do irracional, educando e difundindo ideais harmônicos entre a convivência humana. Porém, hoje, as tentativas se encontram em derradeira fragmentação, já que os modelos, discursos e dispositivos se encontram desgastados, como afirma Peter Sloterdijk.

(...) a questão de como o ser humano poderia se tornar um ser humano verdadeiro ou real está aqui em diante inevitavelmente colocada como uma questão de mídia se entendermos por mídias os meios comunitários pelos quais o homens se formam a si mesmos para o que podem, e o que vão, se tornar. (SLOTERDIJK, 2000, p. 19)

O humanismo, pelas vias tradicionais como: educações, livros, está desgastado como afirma Sloterdijk, sendo sua única e última tentativa, os recursos da engenharia genética. Apenas com essa manipulação é que, talvez, segundo o autor, poderia ainda existir os ideais humanistas. (SLOTERDIJK, 2000). A questão humanista, relacionada e focada sobre o negro, deixa inúmeras inseguranças. As tentativas necessitam ser remodeladas, as vias interpretativas à sociedade esta saturada de modelos marxistas, descrevendo o mal como o estado, o dinheiro sempre a corromper, sem esquecer a eterna luta de classes. Não é esquecendo as temáticas marxistas, ou mesmo deixando elas de lado. O grande problema continua sendo a unicidade interpretativa das questões raciais, sobre esse mesmo prisma. Enquanto o grande dilema esta

---

subjugações e torturas que ocorreram para formar o sublime mito da democracia racial Brasileira.

relacionado aos moldes interpretativos e singulares que o negro administra sua subjetividade. O poder se articula em diferentes prospecções, alicerces e situações. A questão não é para ser debatida em fóruns acadêmicos, ou universidades, o momento precisa se atualizar sobre aqueles que sofrem e são os diferentes agentes agenciadores<sup>7</sup> da própria relação consigo mesmo.

## **A MICROPOLITICA RACIAL**

A questão pouco pensada, quando discutida sobre as temáticas sobre o negro é sua formação subjetiva. Quais são os modelos subjetivos? A partir de onde se propagam os discursos que descrevem e articulam condutas? Onde estão os dispositivos de segurança<sup>8</sup> que a todo o momento capturam os modelos como marginais, ou não padronizados? Onde se formam essas micropolíticas fascistas da subjetividade? São perguntas muitas vezes inauditas, dispersas fragmentadas, que em todos os momentos circulam e se agenciam em algum modelo. “Tais mutações da subjetividade não funcionam apenas no registro das ideologias, mas no próprio coração dos indivíduos, em sua maneira de perceber o mundo” (...) (GUATTARI; ROLNIK, 2011, p. 34).

Segundo Guattari e Rolnik (2011), subjetividades são modelos que possibilitam uma visão de mundo, muitas vezes ditadas em modelos prontos sem passar pela recepção do indivíduo. É o que afirma Deleuze e Guattari

---

<sup>7</sup>O conceito de agenciamento é desenvolvido por Gilles Deleuze e Felix Guattari em suas diferentes obras composta a quatro mãos. O termo designa os diferentes meios de remodelar, criar, combater, singularizar, envolvendo situações, ideias, pessoas etc.. Seria a construção dentro do espaço molecular (micro) onde os indivíduos se situam. A questão do agenciamento é sempre um vir-a-ser, nunca algo acabado, estanque.

<sup>8</sup>Termo desenvolvido por Michel Foucault em seu curso no *Collège de France: Segurança, Território, População de 1977-1978*. Foucault descreve os dispositivos de segurança, como dispositivos sempre ligados ao meio, ou seja: causas naturais, certo numero de causas e efeitos que correspondem a certas territorialidade. Sua relação permanece na causa dos possíveis, ou seja, um sempre possível a acontecer. Os dispositivos de segurança não cerceiam lugares ou condutas, eles deixam acontecer para exercerem suas maneiras de anulação, freio, regulação. (FOUCAULT, 2008)

“Perdemos sem cessar nossas ideias. É por isso que queremos tanto agarrar-nos a opiniões prontas” ( DELEUZE; GUATTARI, 2009, p. 259) É cômodo e tranquilo assumir aquilo pronto, feito, mastigado, principalmente quando esses modelos são descritos por aqueles que admiramos e achamos viável. A questão subjetiva do negro precisa ser reinventada, não com modelos inéditos, mas sim como modelos não individualizantes, modelos que não sigam o padrão daqueles que concordam e viabilizam como correto, e sim modelos de subjetivações onde possa existir realmente uma construção a partir do agora, sem uniformidade e sem padronização. A grande massa uniformizante instaura dispositivos de tolerância que não resolvem, pois ainda partem daqueles que oprimem e que catalogam uma territorialidade para o negro.

Parte dessa luta é a batalha contra uma ideologia de tolerância que, na realidade, favorece e fortalece a conservação do status quo da desigualdade e da discriminação. Para essa luta, eu propus a prática de tolerância discriminatória. (MARCUSE, 2007, p. 57)

E a tolerância repressiva, concordar com o sorriso nos lábios, ou com a defesa do discurso, afirmar o que não foi criado por aqueles que gritam e nunca são ouvidos, e sim por aqueles que ditam e instauram leis, lugares e modelos. Quando discutidos com os adolescentes que participaram do PIBID, muitos acham legal hoje o negro ter inúmeras oportunidades como as cotas raciais, a oportunidade em se formar, ser alguém no mercado de trabalho. O que eles não entendem é por que continua a discriminação. Muitas vezes essa discriminação é reafirmada como o outro lado da moeda, ou seja, estabilizar um modelo de tolerância, ou mesmo novas oportunidades, e ao mesmo tempo, instaurar dispositivos que não possibilitam a chegada ou o término daquilo que começa, pois as condutas repressivas em certas territorialidades não deixam aquilo que é a-padronizado se instaurar. É um modelo globalizante totalitário que no fundo afirma que você pode fazer parte, mas desde que seja o diferente, o atrasado, ou seja, o estigma do lugar.

Não se trata de expulsar, trata-se ao contrario de estabelecer, de fixar, de atribuir um lugar, de definir presenças, e presenças controladas. Não rejeição, mas inclusão. (...) Individualização, por conseguinte divisão e subdivisão do poder, que chega a atingir o grão fino da individualidade. (FOUCAULT, 2002, p. 57)

Não é dizer não para o negro, pois isso, ainda mais nos dias de hoje, é politicamente incorreto e crime. A ideia é agregar o negro em determinado espaço, demarcar o controle, instaurar relações de poderes que capturam e segregam os indivíduos cada vez mais em seu próprio lugar. Disciplinar a subjetividade para aquilo que ela é e serve catalogar, processar diferentes dispositivos, afirmando sempre a diferença, até que os modelos totalizantes que se inscrevem e afirmam no lugar, deixe a modelização se inscrever como subjetividade para aqueles que não aguentam mais. Existem formas e maneiras de escapar, de se construir, e se afirmar, mas essa contra corrente precisa, ou melhor, necessita ser reinventada em lugares e situações diferentes. Não existe um modelo totalizante, pronto para se adequar em situações que o diferente é cerceado, como afirma Guattari e Deleuze, e sim singularizações reinvenções em níveis moleculares. Essas microrupturas deixa sempre espaço para afirmações posteriores. A única diferença, os únicos processos necessitantes acontecem na reafirmação subjetiva, é como um caleidoscópio subjetivo, que sempre muda e fragmenta, não deixando se capturar, sempre em fuga dos próprios modelos totalizantes e sempre em reinvenção, utilizando situações e viveres que afirmam e se constroem a partir do momento dado.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** 2. Ed. São Paulo: Editora 34, 2009. p. 259

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1984. p. 31

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes. 2002. p. 57

\_\_\_\_\_. **Segurança, território, população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREYRE, Gilberto. **Conferencia na Europa**, Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde. 1938. p. 14.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002. p. 41

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica cartografias do desejo**. 11. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes. 2011. p. 34 -35

MARCUSE, M. **Tolerância Repressiva**. Protestantismo em Revista, v. 12, p. 28-58, jan/abr, 2007.

SLOTERDIJK, Peter. **Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo**. São Paulo: Estação Liberdade, 2000. p. 19.